

DA SEMÂNTICA COGNITIVA À PRAGMÁTICA LEXICAL: a polissemia de *pronto*

Augusto Soares da Silva
Universidade Católica Portuguesa – Braga

1. O paradoxo das partículas

Como facilmente se reconhece, as chamadas *partículas discursivas* (designação que aqui se toma como genérica e que inclui outras unidades similares, como as partículas argumentativas, as partículas modais e as interjeições) são indispensáveis sobretudo na linguagem falada espontânea e aí desempenham as mais variadas funções. Difícil se torna identificar os seus sentidos e funções, bem como traduzi-las para outras línguas. E mais difícil ainda *explicá*-los, isto é, saber quais as motivações da sua coexistência numa mesma forma lexical e quais as restrições, que relações há entre as suas propriedades distribucionais (sintácticas, entoacionais) e a sua interpretação e como é possível que esses itens lexicais pertençam a diferentes categorias gramaticais.

Os muitos estudos sobre estas pequenas e tão funcionais unidades lexicais, ligados a diferentes modelos pragmáticos e discursivos, não chegam a responder a esta problemática da *polissemia* das partículas discursivas. Exceptua-se o recente estudo de Fischer (2000). A investigação actual continua a padecer do que Hentschel & Weydt (1989) denominaram “paradoxo das partículas”: por um lado, abordagens maximalistas que descrevem pormenorizadamente cada um dos diferentes sentidos e funções de uma partícula, sem explicar como é que esses diferentes sentidos se processam e se relacionam e porquê essas funções pragmáticas e não outras; por outro lado, abordagens minimalistas que procuram identificar a alegada invariante semântico-pragmática, sem explicar como é que nesse significado abstracto se poderão rever as diferentes interpretações particulares (cf. também Mosegaard Hansen 1998). (Um *paradoxo*, diga-se, não exclusivo, mas extensivo às demais classes de palavras). Acresce a profusão de designações tão diferentes para nomear estas unidades (Fraser 1999), o que desde logo indicia

as dificuldades de definição e a ausência de uma perspectiva integrada de todo o seu espectro de funções.

No quadro da Semântica Cognitiva e na sequência dos nossos estudos sobre categorias polissémicas tão distintas como o verbo *deixar* (Silva 1999), o objecto indirecto (Silva 2000) e o diminutivo (Silva no prelo), procuraremos analisar a polissemia funcional de *pronto*, característica do discurso oral espontâneo e resultante da sua gramaticalização enquanto adjectivo. Com base, sobretudo, no sub-*corpus* oral do CRPC¹, mostraremos como os seus diferentes usos pragmático-discursivos, em grande parte já identificados por Christiano & Hora (1999) para o português do Brasil, mas não suficientemente explicados, estão relacionados entre si e com as duas imagens dos sentidos denotacionais (a conclusiva/retrospectiva e a prospectiva).

2. Usos denotacionais de pronto

Os exemplos (1) e (2) representam os dois principais usos denotacionais do adjectivo *pronto*:

- (1) *Os soldados americanos estão prontos para o pior.*
 (2) *Garanto que o fato estará pronto amanhã.*

Em (1) *pronto* equivale a “preparado” para realizar uma acção, ao passo que em (2) o mesmo adjectivo tem o sentido de “acabado, terminado, feito”. Há assim um uso de *pronto* relativamente a acções que devem ser feitas e um outro em relação a acções que estão a fazer-se. Por outras palavras, uma distinção entre um uso “prospectivo”, reforçado pela preposição *para*, e um uso ‘retrospectivo’. Aspectualmente, uma distinção entre um uso conclusivo e um uso metonimicamente inceptivo (exprime a fase prévia ao começo de uma acção). Uma distinção só em parte correspondente ao duplo equivalente de *pronto* noutras línguas, como em francês *prêt* (prospectivo) e *prompt* (retrospectivo e prospectivo).

Uma outra dimensão do semantismo do adjectivo *pronto* é de natureza sintagmática. Da sua aplicação, ora a pessoas, como em (1) e (4), ora a coisas, como em (2) e (3), resultam determinadas diferenças semânticas.

¹ Ver, no final, referência ao *corpus* – textos utilizados como fontes dos exemplos para esta pesquisa. Agradeço às equipas do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) e do *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM), em particular à Sandra Amendoeira e à Luísa Alice e à colega Maria Cristina Vieira da Silva, os elementos que prontamente me disponibilizaram.

(3) *O jantar está pronto; venham para a mesa!*

(4) *Está sempre pronto a ajudar os outros.*

Desde logo, a distinção entre ‘preparado para realizar uma acção’ (dito de pessoas), como em (1) e (4), e ‘preparado para ser utilizado’ (dito de coisas), geralmente em construção absoluta, como em (3). Mas mais importante é o facto de que a ideia de ‘rapidez, imediatismo’ surge quando *pronto* se aplica a pessoas, como em (4) ou, metonimicamente, em expressões como *resposta pronta*, *inteligência pronta*: efectivamente, são as pessoas bem preparadas que podem agir rapidamente, ao passo que as coisas que estão prontas podem estar bem preparadas, mas não se associam à noção de rapidez. É esta mesma ideia que se fixa em quase todos os derivados de *pronto*, como *prontamente*, *prontidão*, nas locuções adverbiais *de pronto*, *num pronto* e nas formações *pronto-a-comer*, *pronto-a-vestir*, *pronto-socorro*, *prontuário* e até *pronto* (nome de um detergente).

Correlacionando as duas dimensões, representa-se na Figura 1 o campo de aplicação semântica do adjectivo *pronto*. Logicamente que o uso ‘retrospectivo’ não pode aplicar-se a pessoas, mas somente a (acções e) coisas que foram submetidas a determinado tratamento. Outros sentidos, como ‘disponível’, ‘eficaz’, ‘activo’, são especificações de ‘preparado para uma acção / um uso’, mais ou menos associados à ideia de rapidez.

	PESSOA	COISA
PROSPECTIVO	(1), (4) “preparado para” (“rápido”)	(3) ‘preparado para’
RETROSPECTIVO		(2) ‘acabado’

Figura 1: Campo de aplicação semântica do adjectivo *pronto*

Destas duas dimensões semânticas, a mais saliente é a déictica. É ela que estabelece a distinção entre as duas imagens conceptuais mais importantes de *pronto*, representadas na Figura 2: a conclusiva, retrospectiva e anafórica de processo acabado e a prospectiva, catafórica e inceptiva de processo disponível.

A relação entre as duas imagens pode construir-se nas duas direcções. Da retrospectiva para a prospectiva: um objecto “acabado” está, por implicação, ‘preparado, disponível’ para uma acção ou um uso. Por exemplo, um fato pronto (acabado, feito) passa a estar pronto para ser utilizado. Curiosamente,

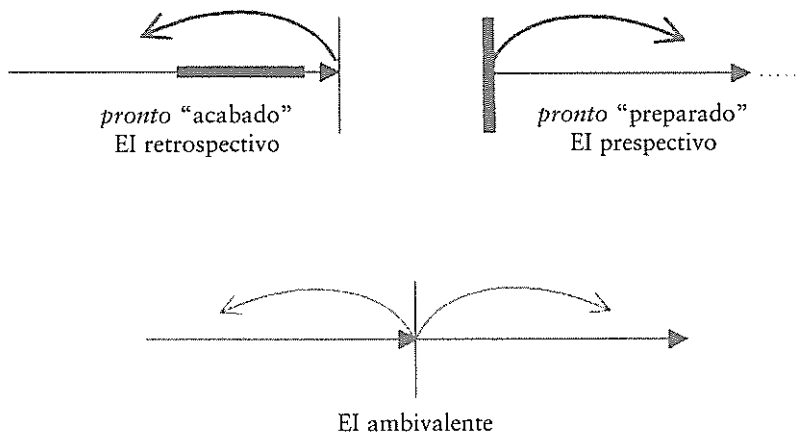


Figura 2: Esquemas imagéticos (EI) de *pronto*

se “acabado, terminado, concluído” se pode dizer de qualquer processo, neste mesmo sentido *pronto* diz-se apenas de coisas para serem utilizadas. Inversamente, da imagem prospectiva para a imagem retrospectiva: um objecto “preparado, disponível” pressupõe a conclusão do respectivo processo de preparação. Assim, o jantar só está pronto para ser servido quando acabar de ser preparado e os soldados só estão prontos para combater o inimigo depois de se terem preparado física e psicologicamente. Diacronicamente, a evolução semântica de *pronto* ter-se-á dado no latim *promptus* na primeira direcção: de “visível, manifesto” para “preparado, disponível”².

3. Usos discursivos

Passemos aos usos de *pronto* como partícula discursiva. De referir que, do total das 422 ocorrências de *pronto* no sub-corpus oral do CRPC, apenas 24

² O adjectivo lat. *promptus* (< part. de *promo* ‘retirar, fazer sair, manifestar’) diz-se de coisas (materiais ou visíveis) facilmente obtidas, prontamente acessíveis ou disponíveis, claramente visíveis; de tarefas prontamente realizáveis, fáceis, simples; e de pessoas/attitudes disponíveis, dispostas, rápidas (*Oxford Latin Dictionary*). Existe ainda a locução latina *in promptu* (*esse, habere*), com o sentido de ‘ao alcance, à mão, à disposição, à vista’. O vocábulo terá entrado relativamente tarde na língua portuguesa, talvez (em finais do) séc. XV. Encontram-se 4 ocorrências de *pronto* e 1 de *prontamente* no “Leal Conselheiro” de D. Duarte (ed. de J.M.Piel, apud CIPM) – as únicas do *Corpus Informatizado do Português Medieval* –, mas nenhuma, por exemplo, na “Crónica de D. Fernando” de Fernão Lopes (apud BVAP). J. Pedro Machado (*Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*) diz não o ter encontrado antes do séc. XVI e J. Corominas & J. Pascual (*Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*) datam o vocábulo castelhano de 1490 (in “Universal Vocabulario en Latín y en Romance”, de Alonso F. Palencia, 1490 [*“intentus: el que está prompto para oyr”*])).

(5,7%) são do adjetivo; todas as restantes são usos discursivos. Nos exemplos (5)-(7), *pronto* tem valor ‘conclusivo’. Ocorrendo na parte final de um segmento discursivo, introduz a conclusão ou, em (5) e (6), a consequência, o efeito, o resultado do que antes se disse ou implicou, estabelecendo assim uma relação conclusiva (premissa-conclusão), consecutiva (antecedente-consequente) ou causal (causa-efeito) entre o que o antecede e o segmento que introduz. *Pronto* comporta-se, pois, como um verdadeiro conector, podendo ocorrer como o único conector, tal como em (5), ou enfaticamente acompanhado de outros de idêntico valor, como *e pronto, então pronto, enfim pronto, aí pronto*. Mas em (7), o valor conclusivo de *pronto* é mais de ordem textual/discursiva do que argumentativa: a sua função não é tanto a de ligar enunciados, atribuindo-lhes uma conexão inferencial, mas a de estruturar textualmente o discurso, designadamente concluir uma fala através de um enunciado que engloba e resume tudo o que foi dito anteriormente. Em casos como o de (7), temos o que pode classificar-se como um *pronto* “resumitivo” (idêntico ao *então* “resumitivo” e a expressões resumitivas como *em resumo, em síntese*).

(5) *fui, só vi o Sporting, fui pelo Sporting, gostei do Sporting, pronto, agora sou sportinguista.* (CRPC – oral, 423-18-A03)

(6) *A: como é que aconteceu o incêndio? [...]*

X: lançam granadas, verdadeiras, não é, e alguma explodiu mal ou caiu nalguma mata mais volumosa e, pronto! deu-se o, o incêndio. (CRPC – oral, 863P214)

(7) *Eu chegava a casa e ele estava a comer, outras vezes a acabar de comer, e eu lavava a loiça, não é?, fazia-lhe a marmita para ele levar no outro dia e prontos, era assim todos os dias.* (CRPC – oral, 73-09-C05)

Conclusivo, não argumentativo, mas textual é o *pronto* dos exemplos (8) e (9). A sua função é terminar ou fechar o tema do discurso e, por vezes, o próprio discurso (nomeadamente, numa conversa ao telefone), podendo assim ocorrer em posição final absoluta. A ideia conclusiva que transporta é anafórica, contrastando com a conclusão catafórica do uso argumentativo anterior. Pode seguir uma frase completa e terminada com entoação descendente, como em (8), funcionando assim como segundo fecho; e pode ser seguido por palavras que reforçam a ideia conclusiva: é o caso das perífrases *pronto, acabou!; pronto, é isso mesmo!; pronto, está o assunto arrumado; pronto, está tudo, mais nada; e pronto, era isto o que eu tinha para dizer*.

(8) – *Mas diga-lhe que eu chego mais tarde, por favor.*
– *Está bem, eu digo-lhe, pronto.*

- (9) *e... há clientes que até dá gosto, pegam nisto, pegam naquilo, pegam no outro, põem tudo em cima do balcão, faz a conta e pronto. Nem... descontos, nem... faça mais baratinho* (CRPC – oral, 1093p260)

Geralmente associada a esta *partícula topográfica* (Schmidt-Radefelt 1993: 65) de fecho está uma outra função de *pronto*: a função interaccional de ‘cedência de vez’. É o caso do exemplo (10): *pronto* surge no final da frase, presumivelmente com entoação descendente, e serve para X fechar o que estava a dizer e ao mesmo tempo para ceder a vez a C, que efectivamente a toma.

- (10) X: *e depois não tem aquela preocupação da casa, portanto, elas trabalham no campo, vêm e depois descansam, fazem o seu jantar, quer dizer, não têm aquela coisa, pronto,*
C: *não; descansam, isso...* (CRPC – oral, 1020p248)

Todos este usos conclusivos de *pronto* são motivados pelo sentido denotacional de processo ‘acabado’. Do domínio aspectual (ou desenvolvimento interno) de um processo do mundo físico passa-se para o domínio epistémico da actividade cognitiva do locutor, com os usos conclusivos argumentativos, e finalmente para o domínio da estruturação discursiva, com os usos conclusivos textuais e interaccionais. Os domínios do raciocínio e da actividade verbal são assim metaforicamente estruturados, como já o evidenciou Sweetser (1990), em termos de actividades físicas: uma conclusão é conceptualizada como o desfecho de um processo mental; a causalidade é conceptualizada pelo esquema espaço-temporal “anterior-posterior” (a causa vem antes/atrás e o efeito depois/à frente); e a actividade verbal é igualmente conceptualizada em termos de um “percurso”.

Um outro uso discursivo de *pronto* é o que se exemplifica em (11) e (12). *Pronto* é um marcador de ‘concordância’ com a opinião ou a atitude do interlocutor: uma perfeita concordância em (11); uma condescendência/consentimento em (12) e em perífrases concessivas do tipo *bem/olhe, pronto, paciência!*. Pode ser seguido de advérbios ou outras expressões que reforçam a concordância já por si expressa, como *pronto, exactamente; pronto, está bem; pronto, é isso mesmo*. Em casos como (12), *pronto* pode marcar acordo, não relativamente ao conteúdo proposicional, mas quanto à relação interlocutiva, justamente devido ao desacordo a nível proposicional, ou quanto ao decurso da informação. Uma variação que é típica de outras partículas de concordância, como *sim*.

- (11) – *A gente pode sair mais cedo?*
– *Pronto, a que horas?*

- (12) «*Ora que essa! então quer dizer que eu não sou filho do, do meu pai, não?*» Digo eu assim: «*Não, não, olhe sabe, realmente o senhor habituou-se a chamarem-lhe esse nome. mas o seu nome é este.*» Olhe o senhor nem queira saber a cara de revolta que ele teve comigo. E depois eu disse-lhe assim: «*Pronto, então olhe deixe lá, fica, fica a ser esse nome à mesma.*» (CRPC – oral, 376p139)

Também do domínio epistémico (secundariamente, do domínio do acto de fala), este uso mantém a trajectória conclusiva e retrospectiva inicial: exprimir um acordo, uma aceitação, uma confirmação é fechar, completar, concluir com êxito uma interacção verbal ou um dos seus segmentos discursivos.

Bem diferente é o uso exemplificado em (13) e (14): *pronto* sinaliza uma “imposição” ou “decisão” do falante de realizar uma acção. Ocorre em posição inicial, sendo seguido pela descrição da acção que o falante decide realizar, mas pressupõe um segmento discursivo prévio, a que ele próprio põe fim: expressões que preparam a despedida, como *pronto, vou-me embora*, evidenciam esta ambivalência.

- (13) *mas eu volto costas e ele vai mexer. “o que é que a mãezinha te disse? não disse que não mexesses? Pronto; tem que levar uma palmadita* (CRPC – oral, 203-02-m00)
- (14) *o papel importante que a família desempenha na socialização da criança. o que é que é isto da socialização? eh da criança. talvez começar por explicar esta palavra um bocadinho complicada. pronto. a socialização refere-se à entrada da criança no grupo social a que ela pertence* (CRPC – oral, OP1TX)

Este marcador de acção, que Christiano & Hora (1999: 304) classificam de *pronto* ‘impositivo’, associa-se à imagem prospectiva do sentido adjectival de ‘preparado para’, mas guarda também relação estreita com a implicitação de ‘rapidez, imediatismo, desembaraço’ do mesmo adjectivo. O falante não só se mostra discursivamente preparado para agir como discursivamente passa imediata e firmemente à acção.

Um outro uso igualmente prospectivo e catafórico é o dos exemplos (15) e (16): *pronto* introduz um esclarecimento, uma justificação, uma precisão, um aparte justificativo, numa palavra uma “explicação”, garantindo a continuação da compreensão e do decurso da informação. Um conector explicativo, por vezes enfaticamente seguido por outras expressões de explicação/precisão argumentativa, como *quer dizer*.

- (15) – *ela conta e depois o senhor conta a sua versão. – um de cada vez. – é uma versão de cada um. diga lá. -> atrás de mim, o nosso pai também ia ao terço e levava-nos, pronto, éramos católicos e somos, e depois ele levava uns socos* (CRPC – oral, O1724)

- (16) [na correcção de um teste] *agora o dois ponto dois ... pronto este é um daqueles exercícios que eu acabei de vos falar agora, diz assim:* (CRPC – oral, OP44B5)

Se, como vimos atrás, *pronto* tem a função topográfica de fecho do tema antecedente e a função interaccional de cedência de vez, verificamos agora, e de modo mais evidente nos exemplos (17) e (18), que ele pode desempenhar as funções contrárias: a de abertura de um novo tema (novo ou esperado, ou introdução de um tema colateral), mas, quase sempre, simultaneamente a de fecho do tema anterior, em (17), e a de tomada de vez, em (18). A dupla articulação (fecho e abertura) e a sequência *pronto então* (com entoação descendente o primeiro elemento e ascendente o segundo) podem configurar mais propriamente, como precisa Rodrigues (2001: 451), uma função topográfica de ‘transição’. Noutros contextos, quando não aparecem acompanhados de nenhum outro marcador discursivo, o *pronto* de abertura e o de transição receberão uma entoação ascendente, assinalando justamente a continuidade do discurso.

- (17) *pronto é a lição cinquenta e nove e o sumário é: modos ha, modos de definir uma função uma sucessão, modos de definir uma sucessão.* (CRPC – oral, OP44B5A)
- (18) – *outras vezes fui ao terço e ele foi também. foi também! ele vinha de Castelões, se ia ou não, não sei, ele andava por ali.*
 – [...] *para beber uma pinga.*
 – *prontos. então, havia lá um tasco à beira*
 – [...]
 – *e ele em vez de ir para o terço até eu sair da igreja, foi para o tasco.* (CRPC – oral, O1724)

Tal como os usos impositivo e explicativo, também estes usos de abertura ou transição de tema e de tomada ou manutenção de vez transportam a imagem prospectiva inicial.

Muito próximo destes usos conversacionais prospectivos está o caso exemplificado em (19), em que *pronto* serve para iniciar uma conversa telefónica – um marcador fático mais frequente no português do Brasil –, ou o de (20), em que *pronto* é interjectivamente usado como resposta a um chamamento e equivale a “presente”.

- (19) [ao telefone] *Pronto?*
 (20) – *Zé? / – Pronto [aqui estou]!*

O item *pronto* é ainda muito usado na oralidade espontânea como estratégia de reestruturação do pensamento e do discurso, funcionando quer como

marcador de fim de hesitação quer como marcador de reformulação, e evitando assim a pausa resultante da ruptura momentânea da linha do raciocínio e da sua formulação. É o que sucede em (21) e (22). Em (21), as três ocorrências de *prontos* marcam o fim a sucessivos momentos de indecisão do falante. E em (22), as duas ocorrências de *pronto*, não só revelam momentos de hesitação, como marcam reformulações mais adequadas. Este *pronto* de hesitação/reformulação, que Christiano & Hora (1999: 303) classificam de “pontuante”, serve simultaneamente outras funções, assim reconhecidas por Rodrigues (2001: 453-454): a topográfica de transição e a interaccional de manutenção de vez.

- (21) *aquilo é, prontos, mais ou menos um desporto de homem, prontos, eh, conversas de homem, aquelas coi [...], aquelas cumplicidades, e prontos, cria-se sempre bons ambientes* (CRPC – oral, O1716)
- (22) *ou deixá-las sair de vez em quando à, à noite, aos fins de semana a... pronto, nesse aspecto em termos de, de, de questões materiais acho que eles têm, a... pronto, porque nós temos um poder de compra muito maior e os pais tentam dar-lhes tudo o que não tiveram* (CRPC – oral, O1723)

O *pronto* pontuante realiza um esquema ambivalente, simultaneamente conclusivo/retrospectivo e prospectivo: através dele, o falante termina um momento de impasse ou inadequado e mostra-se preparado para dar continuidade ao seu discurso, apontando ao seu interlocutor para o que vai ser dito a seguir. Mas dada a orientação normal do pensamento e do discurso, para a frente e para o fim, então o *pronto* pontuante acaba por ser mais prospectivo do que conclusivo.

Outras funções de *pronto* são emotivas ou modais, de expressão de atitudes e reacções várias do falante, que se sobrepõem às funções anteriores. Apenas dois exemplos que mostram que *pronto* pode sinalizar emoções contrárias: em (23) alívio, satisfação, consolo e em (24) desagrado, irritação.

- (23) *Pronto, já passou! / Pronto, descobri! / Pronto, está descansado!*
 (24) *Pronto, já chega de discussões!*

4. Gramaticalização/pragmaticização

Como síntese, a Figura 3 representa a estrutura dos principais sentidos e funções de *pronto*. De um lado, os usos conclusivos e retrospectivos, desde o denotacional de ‘(coisa) acabada, feita’ até aos discursivos conclusivo e de concordância, de fecho temático e de cedência de vez. Do outro lado, os usos

prospectivos e potencialmente inceptivos, desde o denotacional de “(pessoa/ /coisa) preparada para” até aos discursivos impositivo e explicativo, de abertura temática e de tomada de vez. No meio, os usos discursivos pontuante e de transição temática e manutenção de vez – usos ambivalentes, embora funcionalmente mais prospectivos do que retrospectivos.

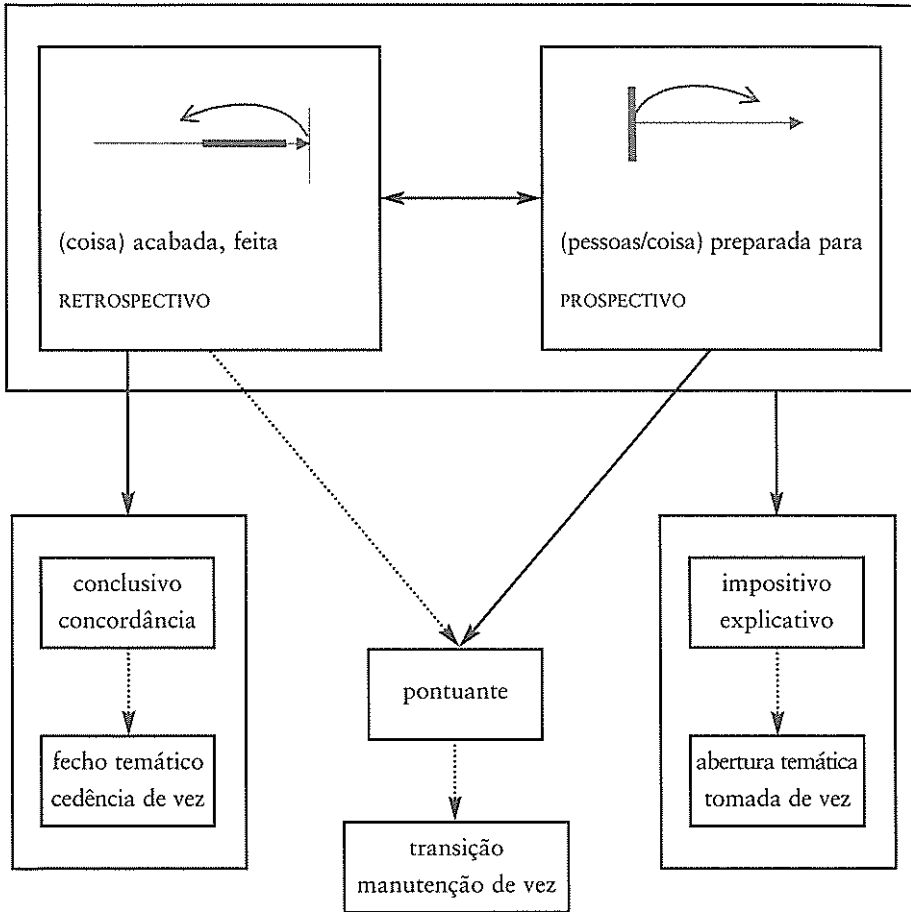


Figura 3: Estrutura semântica de *pronto*

Uma estrutura radial de sentidos e funções que se sobrepõem e implicam, tanto vertical como horizontalmente. Por exemplo, o sentido argumentativo conclusivo implica a função topográfica de fecho temático e esta, sobretudo a nível macro-estrutural, traz geralmente consigo aquela. Tanto o sentido impositivo como o explicativo introduzem um novo constituinte enunciativo. Os usos pontuante, de transição e de manutenção combinam/neutralizam os dois

esquemas. Os usos impositivo e explicativo marcam também o fim do constituinte enunciativo anterior. E, enfim, a ambivalência resultante da possibilidade de construir a relação entre os dois grupos (retrospectivo e prospectivo) em ambas as direcções.

Por outro lado, uma estrutura multidimensional, particularmente a nível não-denotacional. A pluralidade de sentidos e funções pragmático-discursivos resulta do aproveitamento de *pronto* na realização de determinadas tarefas do falante na sua interacção com o ouvinte em diferentes *domínios comunicativos*. No domínio da articulação lógico-argumentativa e da respectiva compreensão do fluxo de informação: *pronto* é um conector conclusivo/resultativo e explicativo. No domínio do conteúdo proposicional: *pronto* é um marcador de concordância. No domínio da estruturação e planificação do pensamento e do discurso: *pronto* conclui e introduz tópicos, segmenta unidades de informação, indica transições de tópicos, marca relações entre unidades de informação, marca o fim de momentos de hesitação, indica reformulações. Nos domínios da gestão do acto de fala (*pronto* pontuante), das relações interpessoais entre os parceiros da comunicação (*pronto* de concordância, impositivo), da negociação dos papéis de falante e ouvinte (*pronto* de cedência, transição e tomada de vez), da acção não linguística (*pronto* impositivo), das emoções e outras atitudes dos interlocutores (valores modais de *pronto*).

A nível mais geral, uma polissemia / polifuncionalidade resultante da projecção de *pronto* do domínio físico para o domínio epistémico (*pronto* conclusivo, de concordância, impositivo, explicativo) e para o domínio pragmático do acto de fala (*pronto* pontuante, de fecho-transição-abertura temático e de cedência-manutenção-tomada de vez, mas também todos aqueles usos epistémicos de *pronto*). Uma projecção metafórica que segue o padrão de conceptualização metafórica do mundo cognitivo e do mundo da actividade linguística com base no mundo sócio-físico; conceptualização evidenciada por Sweetser (1990) com base em vários estudos de mudança lexical e de polissemia.

O item *pronto* é pois um bom exemplo de *gramaticalização* – processo pelo qual uma unidade ou construção com significado lexical se torna num item com estatuto gramatical (ou uma unidade gramatical se torna numa forma ainda mais gramatical), passando a codificar relações que ainda não tinham sido codificadas, ou foram-no de outro modo. Ou então, atendendo aos resultados pragmático-discursivos, um bom exemplo de *pragmaticização*. Como tem sido largamente estudado, tanto por funcionalistas como por cognitivistas, um processo de gramaticalização envolve uma mudança semântica, sob a forma de des-referencialização, abstracção e *subjectificação*, e uma recategorização sintáctica ou morfossintáctica (Hopper & Traugott 1993).

Do ponto de vista semântico, passa-se de um significado que descreve uma situação externa do mundo real (a conclusão de uma acção tipicamente física ou a preparação de alguém ou de algo para realizar determinada acção) para um significado que descreve uma situação interna de âmbito cognitivo e orienta a interpretação da informação (uma conexão conclusiva/resultativa, uma explicação, uma concordância), ou de âmbito avaliativo (tipicamente emotivo), e depois para um significado que descreve uma situação discursivo-textual e orienta a estruturação do discurso e da conversação (segmentação, reformulação, alternância de vez). Do prisma da des-referencialização, e tendo em conta as tendências evolutivas de *subjectificação* teorizadas por Traugott & König (1991), estes últimos usos pragmático-discursivos serão posteriores àqueles usos epistémicos, tal como se representa na Figura 3, embora os mais epistémicos tragam já funções de estruturação discursiva. No seu conjunto, uma mudança semântica de ordem metafórica, pela já referida projecção de domínios, mas também metonímica, por convencionalização de implicações conversacionais das ideias de “acção acabada”, “preparação/disponibilização” para a realização de uma acção, “rapidez”. É uma mudança em que a perda de conteúdo lexical é largamente compensada por vários e diferenciados ganhos pragmático-discursivos.

Sintacticamente, a mudança pode ser assim descrita:

adjectivo > [advérbio > conjunção >] partícula discursiva

O item *pronto* passa de adjectivo à categoria heteróclita de partícula discursiva, sendo aí um marcador argumentativo, de segmentação, de reformulação, fático, de alternância de vez e ainda, cumulativamente, uma interjeição. Mas entre a descategorização adjectival e a recategorização discursiva há estádios intermédios, mas efémeros e/ou mal definidos: o de advérbio (de tempo e de modo), mas cedendo o seu lugar ao derivado *prontamente* e às locuções *de pronto*, *num pronto*, e o de conjunção (conclusiva, causal, consecutiva, explicativa), mas mais com valor de marcador discursivo. Como partícula discursiva, *pronto* altera e amplia as suas propriedades combinatórias, pode ocupar diferentes posições no enunciado, é marcado por diferentes contornos entoacionais e apresenta uma variante formal mais recente (*prontos*).

Toda esta poligramaticalização e polipragmaticização de *pronto* é um fenómeno da conversação e relativamente recente (provavelmente do séc. XX)³.

³ Relativamente aos *corpora* consultados, não encontramos nenhum uso de *pronto* como partícula discursiva anterior aos anos 30/40 do séc. XX (“Mal o viu entrar postou-se junto à candeia acesa, sorridente, alegre, como quando ele a namoriscava: – Pronto! Já está tudo arranjado”, CRPC – *escrito* L0020P [Ferreira de Castro, *Terra Fria*, 1934]; “Bem, mas então opera-se outra vez, e pronto!”, CRPC – *escrito* L0240P [Miguel Torga, *Diário II*, 1943]; “seria a sua mulher [...], seria a mãe de seus

5. Conclusão

Concluindo, três resultados do presente estudo. Primeiro, a variedade de sentidos e funções de um item que depreciativamente tomamos como “bordão”. Uma polissemia funcional, lamentavelmente desprezada pelos nossos melhores dicionários, cognitiva e pragmaticamente motivada, que envolve os mesmos mecanismos de categorização e conceptualização que se encontram nas categorias lexicais (e gramaticais) tipicamente polissêmicas. Segundo, o alcance da perspectiva da semântica cognitiva na descrição da polissemia das partículas discursivas: conceitos como a projecção metafórica entre domínios, a convencionalização metonímica de implicações conversacionais, os esquemas imagéticos, a subjectificação, a rede de domínios conceptuais e comunicativos envolvidos numa situação de interacção verbal; princípios como a natureza enciclopédica e perspectivista do significado; e métodos interpretativos com base no uso efectivo das unidades linguísticas e de integração de propriedades formais, semânticas e pragmáticas permitem explicar o que falta em muitos estudos sobre partículas discursivas: não só os factores que determinam os diferentes significados contextuais de uma partícula e todo o espectro de funções que esta pode desempenhar, como também o modo como esses factores interagem na produção e interpretação dessa partícula e como esses diferentes sentidos e funções coerentemente se associam numa mesma categoria. Terceiro, a polissemia funcional das partículas discursivas resulta, como teoriza Fischer (2000), da referência a diferentes *domínios comunicativos* (tais como a estruturação do discurso e do texto, a percepção e compreensão do fluxo de informação, a relação interpessoal entre os interlocutores, a alternância de vez, as atitudes emotivas ou outras dos falantes, etc.) e da relevância destes do ponto de vista do falante na realização das suas tarefas orientadas para o seu parceiro de comunicação. É na referência a um destes domínios que *pronto* adquire um sentido discursivo particular e é do número de domínios considerados relevantes que depende a sua polissemia; é na realização dessas tarefas que *pronto* adquire as funções discursivas que desempenha. Acrescenta Fischer (2000) que igualmente determinante é a “invariante semântica” do respectivo item lexical, na medida em que ela permite compreender porque é

filhos. Pronto, casariam.”, CRPC – escrito L0284P [Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, 1946]). Documentando a primeira fase do processo de gramaticalização de *pronto* (de adjetivo a advérbio), refira-se o seguinte uso claramente adverbial: “Debaixo dos candeeiros e em frente das lojas, bafos de luz salpicavam as pessoas que paravam, entravam, saíam e pronto se sumiam na neblina”, CRPC – escrito L0442P (Mário Dionísio, *O dia cinzento e outros contos*, 1944). J. Corominas & J. Pascual (*Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*) indicam que o uso do cast. *pronto* como advérbio é bem mais recente do que como adjetivo e era já frequente nos finais do séc. XVIII.

que a partícula discursiva desempenha determinadas funções e não outras. Ora, embora a polissemia funcional de *pronto* ganhe alguma coerência à luz dos seus sentidos denotacionais, isso não implica a condição anterior: qualquer formulação de um significado invariante de *pronto*, ou deixa de ser onomasiologicamente distintiva, ou acaba por ser ambivalente (entre a imagem conclusiva/retrospectiva e a imagem prospectiva). Finalmente, os limites do presente estudo não permitiram uma análise diacrónica mais desenvolvida, nem o exame de variáveis sociolinguísticas nos usos discursivos de *pronto*.

CORPUS

[Entre parênteses rectos, indica-se o número de ocorrências de *pronto*]

BVAP (*Biblioteca Virtual dos Autores Portugueses*), coordenação de Ivo de Castro *et al.*, edição em CDROM, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998. [22]

CIPM (*Corpus Informatizado do Português Medieval*), Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. [4]

CRPC (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo*), Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

– *corpus* oral [422]

– *corpus* escrito literário (sub-*corpus* seleccionado, dos anos 1873-94 a 1991-93) [103]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTIANO, M^a Elizabeth & Hora, Dermeval, (1999) – “O valor semântico do item lexical *pronto* no discurso oral do Português do Brasil”, *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga: APL, 299-307.

FISCHER, Kerstin, (2000) – *From Cognitive Semantics to Lexical Pragmatics: The Functional Polysemy of Discourse Particles*, Berlin: Mouton de Gruyter.

FRASER, Bruce, (1999) – “What are discourse markers?”, *Journal of Pragmatics* 31, 931-952.

HENTSCHEL, Elke & Weydt, Harald (1989) – “Wortartenprobleme bei Partikeln”, in H. Weydt (ed.), *Sprechen mit Partikeln*, Berlin: Mouton de Gruyter, 3-18.

HOPPER, Paul & Traugott, Elizabeth Closs (1993) – *Grammaticalization*, Cambridge: Cambridge University Press.

MOSEGAARD HANSEN, Maj-Britt (1998) – “The semantic status of discourse markers”, *Lingua* 104, 235-260.

RODRIGUES, Isabel G. (2001) – “O papel da entoação na alternância de vez”, *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 447-458.

SCHMIDT-RADEFELT, Jürgen (1993) – “Partículas discursivas e interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão”, in J. Schmidt-Radefelt (ed.), *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica. Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*, Tübingen: Gunter Narr Verlag, 63-78.

SILVA, Augusto Soares (1999) – *A Semântica de DEIXAR: Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- (2000) – “A estrutura semântica do objecto indirecto em Português”, *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga: APL, 433-451.
 - (no prelo) – “A estrutura semântica do diminutivo em Português”, *Volume de Homenagem ao Prof. José Gonçalo Herculano de Carvalho*, Faculdade de Letras de Coimbra.
- SWEETSER, Eve (1990) – *From Etymology to Pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*, Cambridge: Cambridge University Press.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. & König, Ekkehard (1991) – “The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited”, in E. Traugott & B. Heine (eds.), *Approaches to Grammaticalization*, Amsterdam: John Benjamins, 189-218.

